

**III Congresso Internacional e V Nacional Nacional Africanidades e Brasilidades em Educação 23, 24 e 25 de novembro de 2020 - Universidade Federal do Espírito Santo. GT Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguística.**

***DÓNDE SE OCULTA LA SECRETA HERIDA: ASSENTAMENTOS DE RESISTÊNCIA EM FE EN DISFRAZ* DE MAYRA SANTOS FEBRES**

Cristian Souza De Sales<sup>1</sup>

**Resumo**

O presente texto busca analisar o romance *Fe en Disfraz*, da escritora negra caribenha Mayra Santos Febres, publicado em 2009. Pretendemos com este trabalho refletir como a autora se utiliza de documentos históricos para reescrever as histórias e os legados de resistência de *las ancestras* na América Latina e Caribe Hispânico. Desta forma, ao cruzar fronteiras e contextualizar as experiências vividas por mulheres insurretas da diáspora, em países como Brasil e Porto Rico, a trama destaca as estratégias de sobrevivência e a resistência negra feminina ao colonialismo. Assim, valendo-se de recursos ficcionais, através da personagem Fe Verdejo e dos relatos de mulheres africanas e negras escravizadas investigadas por ela, emergem narrativas diaspóricas que contrariam epistemologias dominantes. Ao mesmo tempo, Santos-Febres oferece-nos contribuições epistêmicas e críticas que preenchem as lacunas da historicidade e contestam as “formas estreitas de pensar” sobre as relações coloniais (GROSGOGUEL, 2007). Ao fazer isso, argumentamos que a partir da “perspectiva de las ancestras” (ARROYO PIZARRO, 2013), a obra literária formula um ponto de vista próprio para reestabelecer o protagonismo de suas existências e restituir a sua humanidade violada pela dominação colonial.

Palavras-chave: escritoras negras caribenhas; literatura negra diaspórica; Porto Rico.

---

<sup>1</sup>Doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia-UFBA. Professora da Universidade do Estado da Bahia, Campus III- Juazeiro-BA. Email: crissaliessouza@gmail.com.

## Mayra Santos-Febres: por boca propia<sup>2</sup>

[...] Ser negra es la razón primordial por la cual soy escritora.[...] Son<sup>3</sup> desde que tengo conciencia: el Caribe, las sensaciones de estar viva en el Caribe (raza, género), las historias de mis ancestros. (Mayra Santos Febres, 2015)<sup>3</sup>.

Poeta, romancista, ensaísta e professora de literatura, nascida em 26 de fevereiro de 1966, em Porto Rico (Carolina), filha de professores, Mayra Santos-Febres inicia contato com os livros desde a infância e começa a escrever com apenas cinco anos de idade, tornando-se uma das mais proeminentes e aclamadas escritoras e intelectuais negras de sua geração. Com livros traduzidos para várias línguas (o francês, inglês, alemão e italiano), pode-se dizer que atua sem submissão às normas definidas pelo cânone ocidental, critérios e parâmetros idealizados do que deva ser o texto literário.

Nesse caminho, publicando poesias desde 1984, em revistas e jornais internacionais como *Casa de las Américas* de Cuba, *Página doce* de Argentina, *Revue Noir* da França e *Latin American Review of Arts and Literature* de Nova Iorque, entre outros, os textos da autora porto-riquenha, sobretudo a sua ficção, de uma maneira geral, realizam uma retomada de acontecimentos históricos acerca da presença negro-africana nas Américas e Caribe. Desse modo, a sua voz desencadeia um campo de reflexão bastante variado, afetando os planos temático e formal de sua literatura, “haciendo contrapeso al tradicional rechazo e invisibilización para abogar a favor de un reconocimiento de lo negro”. (SANTOS-FEBRES, 2010, p. 67).

A partir de então, situadas em uma determinada ótica, as obras ficcionais arrebatam crítica e teoria literárias dentro e fora de Porto Rico, as quais conferem a Santos-Febres um reconhecimento irrestrito por projeto estético e político. Logo, os elementos organizados esteticamente revelam a

---

<sup>2</sup> *Por boca propia* é o título de um dos ensaios publicados por Mayra Santos-Febres (2010, p. 68) na coletânea *Sobre Piel y Papel*. Nele, a autora reflete acerca da importância da mulher negra caribenha assumir um lugar de enunciação para refletir sobre raça, racismo e negritude em Porto Rico, um assunto considerado “escabroso en la isla caribeña”.

<sup>3</sup> Ver entrevista completa realizada por Lucía Asué Mbomío Rubio, Disponível em <https://afrofeminas.com/2015/07/01/ser-negra-es-la-razon-primordial-por-la-cual-soy-escritora-entrevista-a-mayra-santos-febres/acessoem: 01 de dez.2020>.

força poética de uma autoria negra feminina que reinventa a sintaxe para “hablar de la raza, identidad de género y la negritud en Puerto Rico”.(SANTOS-FEBRES, 2010, pp.68-69).

De maneira destacada, Santos-Febres entrecruza as formas narrativas híbridas, esgarçando os limites entre o ficcional, o ensaístico e o documental, rasurando os estatutos da ficção e da historiografia, assim como as estratégias narrativas contemporâneas para referenciar e visibilizar “los saberes afrodescendientes, caribeños, de género y puertorriqueños.... y diásporas”. (SANTOS FEBRES, 2020, fonte eletrônica).

[...] 99% de mi narrativa está basada en investigación. También 99% de mis olvidos están basados en la invisibilización de los saberes afrodescendientes, caribeños, de género y puertorriqueños. [...] Soy una escritora afrodescendiente puertorriqueña. He publicado veintiocho libros que consistentemente trabajan los temas que me apasionan: raza, pluralidades en identidad de género, Caribe, diásporas, modernidad. En poesía, cuento, ensayo, performance, novela, teatro, guion de cine. Y me falta todavía. Veremos a ver con qué salgo en el futuro. (SANTOS FEBRES, 2020, fonte eletrônica)<sup>4</sup>.

A despeito disso, os escritos da autora caribenha espalham-se em diversos trabalhos acadêmicos, enfileiram-se nas estantes de bibliotecas nacionais e estrangeiras, entre romances, contos, poesias, ensaios, artigos, crônicas, histórias infantis etc. Com uma dinâmica interna própria e subjetiva, o exercício criativo, crítico e teórico de Santos-Febres não se restringem somente ao campo literário ou ensaístico. Por meio de entrevistas, palestras, intervenções públicas, a partir de contornos bem específicos, faz emergir narrativas que evocam um Caribe Negro: soterrado, emudecido e apagado por epistemologias eurocentradas<sup>5</sup>.

Com um amplo repertório, Mayra Santos-Febres publicou até o momento as seguintes obras: *Anamú y manigua* (1991/poesia); *Pez de vidrio* (1994/poesia); *Oso Blanco* (1996/contos); *El cuerpo correcto* (1996/contos); *El*

---

<sup>4</sup> Ver entrevista completa “Escribir es mi vida misma” realizada por Wilkins Román Samot. Disponível em <https://letralia.com/entrevistas/2020/01/26/mayra-santos-febres/> acesso em: 01 de dez. de 2020.

<sup>5</sup> Vou oscilar entre nomear Caribe Hispânico e Caribe Negro. Desejo marcar a presença negro-africana para construção da história, memória e cultura da região. A força de inspiração também vem da leitura que faço em *Puerto Rico Negro*. Com Ángel López Cantos. San Juan: Editorial Cultural. Impreso, 1986.

*orden escapado* (1991/poesia); *Tercer mundo* (2000/poesia); *Sirena Selena vestida de pena* (2000/novela), já traduzido para o inglês, francês e italiano e finalista do Prêmio Rómulo Gallegos na categoria romance em 2001; *Cualquier miércoles soy tuya* (2002/romance); *Sobre piel y papel* (2005/ensaio); *Boat People* (2005/poesia); *Nuestra Señora de la Noche* (2006/novela); *Ernesto, El domador de los sueños* (2008/literatura infanto-juvenil); *Fe en disfraz* (2009/novela); *Tratado de medicina natural para hombres melancólicos* (2011/ensaio); *En el Ojo del Huracán: Nueva Antología de Narradores Puertorriqueños* (2011); *El baile de la vida* (2012); *La amante de Gardel* (2015/romance); *Huracanada* (2018/poesia); entre outras.

Por outro lado, a escritora também se destaca por suas estratégias de atuação política, acadêmica e intelectual. Dessa forma, a práxis negra intelectual corrobora que o pensar crítico e teórico exige algo a mais que simplesmente um engajamento funcional nos quadros universitários. Desde um ponto de vista, Santos-Febres articula, movimenta e agencia o que bell hooks (1995) chama de “política do cotidiano”, uma vez que a sua inserção pública não está divorciada da comunidade negra porto-riquenha (coletivos, movimentos sociais, entre outros)<sup>6</sup>.

Com efeito, na perspectiva de Edward Said (2003, p. 27), de maneira inteligente, numa sociedade racista e sexista, com “compromisso e risco, ousadia”, Santos-Febres também é capaz de “falar a verdade ao poder”. (SAID, 2003, p.101). Sendo assim, a autora evidencia os obstáculos de que necessita transpor para “nombrar el negro o a la negra, al mulato... de la discusión sobre prejuicio racial? [...] La gente se pone inquieta”. (SANTOS-FEBRES, 2010, p. 67).

Todavia, Santos-Febres alimenta-se da palavra aguerrida, da radicalidade analítica, da sintaxe afro-atlântica –portanto, da persistência e insurgência negra, demonstrando vigor dentro de seus domínios de pensamento e práxis intelectual. Podemos discorrer, inclusive, que cada palavra carrega em si um significado cultural e, historicamente, refeito dentro de uma tradição literária

---

<sup>6</sup>Fora do espaço da universidade, há tempo e lugar para outras intervenções, tendo em vista que a escritora porto-riquenha mantém ativa as suas redes sociais opinando sobre temas variados: racismo, gênero, sexismo, negritude, literatura, afro-futurismo etc. Além disso, faz palestras em escolas públicas, organiza um festival literário e coordena o coletivo RedLiteraria.

que ainda insiste em representar as mulheres negras caribenhas a partir de imagens depreciativas para destituir a humanidade.

Por sua vez, no exercício de sua conduta e de suas ações, a intelectual negra caribenha pode compor a construção de novos horizontes epistêmicos, apontando em possibilidades de transformações na reescrita e reinterpretção da História, ao revelar outras versões – de vivências e experiências de mulheres africanas e negras durante o escravismo colonial nas Américas e Caribe. Em particular, nas palavras de Catharine Walsh (2008, p. 131), movida por “esfuerzos históricos, insurgentes y trascendentales”, Santos-Febres exercita “articulaciones y construcciones distintas que alienen un cambio radical e descolonizador do pensamento”. (WALSH, 2008, p. 134).

Dessa perspectiva, desempenha uma função importante enquanto intelectual negra, uma vez que a sua produção epistêmica e de conhecimento desmantela “as formas de racismo epistêmico que fazem parte das humanidades e das ciências”. Acrescido a isso, desarquiva narrativas de *las ancestras* compreendendo a necessidade de dar eco esse enfoque. (MALDONADO-TORRES, 2016, p. 75)<sup>7</sup>.

Assim concebida, propondo uma radical mudança na concepção da obra de arte, inserindo-se no contexto de um processo de conhecimento e interpretação da realidade nacional, a autora não só desafia “as formas estreitas de pensar as relações coloniais” e, ao mesmo tempo, questiona a “visão hegemônica branca acerca das minorias discriminadas” em Porto Rico. (GROSGUÉL, 2007, p. 178).

Recordemos que racismo no es sino la transposición de los sistemas valorativos de la esclavitud a la sociedad post-esclavista, una manera de mantener a las poblaciones negras al margen de la sociedad sin la evidencia legal y económica de dicha marginación. (SANTOS-FEBRES, 2010, p. 69).

Nesses termos, Santos-Febres é uma intelectual negra que assume a tarefa de “estimular, proporcionar e permitir percepções alternativas e práticas que desloquem discursos e poderes prevaletentes” em Porto Rico. (WEST, 1999, p.13). Em outras palavras, assenta uma práxis negra intelectual que funciona enquanto intervenção política e epistêmica. Essa práxis negra

---

<sup>7</sup>O Caribe Hispânico é constituído de povos de três regiões: Porto Rico, Cuba e República Dominicana.

intelectual resiste, questiona e busca “mudar padrões coloniais do ser, do saber e do poder” na Afro-Latina-América e Caribe<sup>8</sup>. (MALDONADO-TORRES, 2016, p. 88).

Diante deste quadro, na tarefa de produzir conhecimento, expressa um ponto de vista caracterizado “por uma prática insurgente e engajada” perturbadora do *status quo*, a qual está muito bem articulada aos planos da teoria, prática, crítica e ficção. (WEST, 1999, p.13). Por meio das concepções, discursivamente coerente e, por isso mesmo, fascinante, através da intersecção entre gênero, raça, classe e sexualidade, Santos-Febres captura as frequências político-sociais e as tensões histórico-culturais nos contextos da Afro-Latino-América e Caribe. Podemos comprovar essa assertiva com um fragmento de uma entrevista:

[...] investigo [...] sobre diversos temas de raza, racialización, caribeñidad, nuevas formas de la escritura creativa. [...] La colonización es el ejercicio continuo de olvidar. Hay que olvidar quién eres para que quieras convertirte en el “otro”. El “otro” blanco, varón, europeo o estadounidense, el otro rico, primermundista, el otro que no eres tú. (SANTOS FEBRES, 2020, fonte eletrônica).

Quanto às suas personagens, de um modo geral, Santos-Febres constrói tramas literárias em que as protagonistas desempenham papéis sociais expressivos. Apontando possibilidades de transformações de discursos, fugindo dos clichês e estereótipos presentes em obras de autores canônicos porto-riquenhos, elas aparecem como escritoras, intelectuais, cantantes, professoras, curandeiras, cozinheiras etc. Em sua maneira de ser, agir, pensar e existir, elas despertam encanto e inspiração como a enfermeira Micaela Thorné (enfermeira) e sua avó Mano Santa (curandeira) em *La amante de Cardel* (2015)<sup>9</sup>.

Atravessando fronteiras geográficas, culturais e linguísticas, a partir *Fe Verdejo* em *Fe en Disfraz* (2009), as personagens de contos, romances e

---

<sup>8</sup>Aqui evidenciamos o caráter transnacional das obras de Mayra Santos Febres. Adotamos essa perspectiva a partir de Geri Augusto (2017), cujo ensaio a autora desenvolve o conceito de transnacionalíssimo negro. em AUGUSTO, Geri. “A língua não deve nos separar! Reflexões para uma Práxis Negra Transnacional de Tradução”. In: CARRASCOSA, Denise. Traduzindo no Atlântico Negro: Cartas Náuticas Afrodiaspóricas para Travessias Literárias. Salvador – Bahia: Ogums Toques Negros, 2017.

<sup>9</sup>Micaela Thorné, personagem-protagonista, é descendente de uma linhagem ancestral de curandeiras de Porto Rico.

novelas percorrem os mais diversos lugares, construindo percepções diferentes sobre vidas negras em diáspora. Além de se debruçar com profundidade e delicadeza nas questões vividas por mulheres negras, desenvolve uma nova relação com a linguagem que as retira do âmbito de sujeito passivo em *Nuestra Señora de la noche* (2008).

Semeadas por uma insurgência negra epistêmica, as narrativas também destacam trajetórias de personagens em espaços públicos, nos quais trabalham, militam, escrevem, intervêm e atuam na gestão de suas emoções e afetos (dor, tristeza, esperança, medo, alegria etc.). Assim sendo, Santos-Febres estetiza e propõe relações sociais concretas de sujeitos que são protagonistas de suas próprias histórias como em *Sirena Serena vestida de pena* (2000). Dessa forma, à procura de restituir a humanidade, elas confrontam posturas e práticas racistas, machistas, classistas, LGBTfóbicas, entre outras.

Nas obras de Santos-Febres, outro ponto de insurgência negra epistêmica que interessa para esse estudo refere-se à ancestralidade negro-africana e os legados de luta e resistência de *las ancestras*<sup>10</sup>. Dentre as muitas questões incorporadas às tramas, a ancestralidade se assenta para ligar e religar passado, presente e constituir um futuro<sup>11</sup>. Para além da construção de conceitos, importa a escritora uma conexão das personagens com a matriz negro-africana: cosmovisões, saberes ancestrais, religiosidades, espiritualidades etc. Por exemplo, citamos duas obras: *Fe en Disfraz* (2009) e *La amante de Cardel* (2015).

Seguindo esse pensamento, a ancestralidade assenta, portanto, uma maneira de ser, estar, agir e existir no mundo em *Marina y su olor* (1996/conto). Logo, a ancestralidade organiza os caminhos, os destinos e a existência individual e coletiva das personagens, assim como enfatiza a tradição, o

---

<sup>10</sup> Por todo o texto, a palavra “as ancestrais” está grafada em itálico *las ancestras* para acompanhar/repetir um gesto epistêmico de Yolanda Arroyo Pizarro no ensaio *Por que hablar de las ancestras*. Além disso, incorporo essa gramática afro-diaspórica como parte de minha proposta teórica e crítica para assentar outros saberes circunscritos nos textos de intelectuais negras diaspóricas, assim como para provocar os vazios e silêncios da historiografia colonial nas Américas e Caribe.

<sup>11</sup> O assentamento possui uma relevância importante, uma vez que está ligado ao assentamento de orixá. “O orixá individual é fixado numa pedra – o otá – que é guardada ao interior de um pote ou vasilha (*ibá*), de louça ou barro, a depender do orixá”. (RABELO, 2011, p. 23).

respeito e a preservação de conhecimentos herdados de nossas mais velhas como em *La Hebra Rota* (1996/conto).

Com base nisso, a ancestralidade negro-africana, as histórias e os legados de luta e resistência de *las ancestras* evidenciam o conjunto da produção epistêmica e conhecimento toda linha de intensa experimentação criativa e radicalidade da práxis intelectual de Santos-Febres. Ou seja, ambas as abordagens e paradigmas éticos oferecem uma questão basilar para compreender os seus textos, “no pensamento e no fazer decolonial verdadeiro”. (MIGNOLO, 2008, p. 298).

Sob esses dois prismas, podemos observar que a autora revigora o campo, pois marca profundamente a literatura e a crítica literária porto-riquenha contemporânea com a grande abertura que traz, propicia - e pede - o debate em torno da história de *las ancestras* nas Américas e Caribe. Não obstante, Santos-Febres fornece os elementos constitutivos a partir da epistemologia dos assentamentos de resistência<sup>12</sup>. Os assentamentos de resistência são um tipo de pensamento, prática e perspectiva decolonial que atua fortemente nos textos de autoria negra caribenha.

Nesse sentido, as obras de escritoras e intelectuais negras diaspóricas estão impregnadas por valores civilizatórios negro-africanos ligados aos orixás, aos ancestrais, iwas, vodus, nkisis, caboclos e outros encantados<sup>13</sup>: Candomblés, Santería, Umbanda, Vudú, Rastafarianismo, Capoeira, etc. Desta feita, entre o visível e o invisível, essas vozes expressam toda riqueza cosmológica, epistemológica, cultural, filosófica, entre outras, para assentar uma visão de mundo que se contrapõe ao pensamento ocidental. Desse modo, podemos observar esses assentamentos de resistência presentes no romance afro-diaspórico *Fe en Disfraz* (2009).

---

<sup>12</sup>Em minha tese de doutorado intitulada *Assentamentos de resistência: intelectuais negras do Brasil e Caribe em insurgências epistêmicas* (2020), busco tornar operatório o conceito de assentamento para ler, interpretar e traduzir a produção epistêmica e de conhecimento de mulheres negras em diáspora. Os assentamentos de resistência estão fortemente ligados à ancestralidade negro-africana e as histórias e os legados de resistência de *las ancestras*. Dessa forma, manifestam-se nas poesias, romances, contos e ensaios críticos de autoria negra.

<sup>13</sup>Ver reflexão de HARDING, Rachel Elizabeth. *Você tem direito à árvore da vida: spirituals afro-americanas e religiões da diáspora*. Tradução de Christine J. Eida e Mariana Gadelha. In: REIS, Isabel Cristina F. dos; ROCHA, Solange P. *Diáspora africana nas Américas*. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. (Coleção Uniafro, 5).

Em um diálogo entre intelectuais negras caribenhas, Yolanda Arroyo Pizarro (2013, p. 35) afirma que, nesse romance, Mayra Santos-Febres reescreve as histórias e os legados de “mujeres insurrectas, cimarronas subversivas, transcorpóreas que piedieron voz, cuerpo, armas y venganza”: Francisca da Silva de Oliveira (Xica da Silva), Diamantina, Mariana Di Moraes, Pascuala, Petrona, Wiwa, Agustina, Polonia, Hipólita, Matea, Nanny, entre outras. *Dónde se oculta la secreta herida em Fe en Disfraz, las ancestras se reencontran, reconectam-se e reencenam narrativas com novos “actos de rebeldia”*. (ARROYO PIZARRO, 2013, p. 41).

Em seu máximo refinamento, o romance afro-diaspórico *Fe en Disfraz* desmantela o lugar da memória da escravidão, emergindo os legados da presença negro-africana em lugares como Colômbia, Cartagena de Índias (1743); Costa Rica - Valle de Matina (1719); Venezuela - Mérida (1645); Marcaibo (1985), Porto Rico e Brasil-Minas Gerais. Dentro das especificidades, da/na perspectiva de *las ancestras*, os vestígios da escravização negro-africana reaparecem e, dessa vez, de difícil aterramento em um Caribe Negro, revelam-se a seletividade de uma memória e o seu enquadramento por epistemologias eurocentradas.

### ***Fe en Disfraz: narrativas afro-diaspóricas de mujeres insurrectas***

Comenzó a catalogar documentos, a digitalizar los que ya estaban deshaciéndose en el papel y a ponderar la posibilidad de montar una vistosa exposición histórica. (SANTOS-FEBRES, 2009, p.21).

[...]

Fe se encaminó hasta la Hermandad y allí pasó semanas hurgando entre sus archivos. Se topó con más documentos de una esclava llamada Diamantina, con cartas firmadas por la Xica Da Silva (la Chica que Manda), de su puño y letra. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 24).

Dando início ao nosso primeiro movimento, publicado em 2009, o romance afro-diaspórico *Fe en Disfraz* apresenta uma narrativa desvestida de uma cronologia linear, num movimento em que tudo vai e volta, avança e retrocede, os tempos se confundem e se estabelecem um jogo entre presente, passado e futuro. No enredo, para recontar histórias afro-diaspóricas de mulheres africanas e negras escravizadas, entrecruzam-se vários

acontecimentos ocorridos entre os séculos XVII, XVIII e XIX, em colônias espanholas e portuguesas, com eventos mais recentes.

Dito de outro modo, a narrativa se sustenta ao que ensaísta negra brasileira Leda Martins (2000, p.79) define como “tempo espiralar”. Ao tomar como arcabouço teórico a noção de tempo espiralar, esse assume um protagonismo fundamental para compreender a trama literária, uma vez que, concomitantemente, os tempos se associam por meio do resgate das histórias e os legados de luta e resistência de *las ancestras*, da tradição e da memória. O tempo espiralar ostenta uma “percepção cósmica e filosófica que entrelaça, no mesmo circuito de significância”, a ancestralidade negro-africana e a vida das personagens.

Consequentemente, a obra afro-diaspórica se assenta na trajetória de dois personagens: o porto-riquenho Martín Tirado, um historiador que chega a Chicago para trabalhar sob as ordens de Maria Fernanda Verdejo, ou simplesmente Fe Verdejo, historiadora, pesquisadora e intelectual afro-venezuelana: “[...] Llegué a Chicago a trabajar con Fe Verdejo cinco años después de que ella armara su famosa exposición de esclavas manumisas de los siglos XVII y XVIII en Latinoamérica”. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 16).

Seguindo em nossa reflexão, Fe Verdejo é uma historiadora e museóloga renomada que trabalha em uma universidade, sendo a única mulher e a única negra em seu departamento, condição que a voz narrativa enxerga e problematiza: “[...] No son muchas las estrellas académicas con su preparación y que, como Fe, sean, a su vez, mujeres negras”. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 17).

Ao longo da trama, a personagem-protagonista descobre documentos e recupera em sua pesquisa artefatos sobre mulheres africanas e negras escravizadas na América Latina. Durante as buscas por esses vestígios históricos, Fe Verdejo se desloca para o Brasil e, ao visitar um monastério, descobre um luxuoso traje que pertenceu a Xica da Silva (1731-1796), mulher negra que se tornou uma das personagens emblemáticas da história colonial brasileira.

La doctora Verdejo decidió concentrarse en la región brasileña de Minas Gerais, en Tejuco, propiamente, y en su región de explotación de diamantes. De allí procedían los documentos

más dramáticos y numerosos. Después, cubriría otros territorios. **Preparó su viaje y partió.** (SANTOS-FEBRES, 2009, p.23, grifos meus).

Quanto à organização geral, a obra possui cento e vinte páginas e está subdividida em catorze capítulos que revisitam a história escravista nas Américas e Caribe. Os capítulos e as trajetórias das personagens-protagonistas marcam uma importante diferença discursiva que se opõe radicalmente aos conhecimentos registrados por epistemologias eurocentradas. *Fe en Disfraz* evidencia como as histórias de mulheres escravizadas foram excluídas das historiografias tradicionais em vários lugares da diáspora:

[...] Em inglés, existen miles de declaraciones de esclavos que dan su testimonio en contra de la esclavitud. Mujeres educadas que formaban parte de sociedades abolicionistas les enseñaban a leer y a escribir, recogían sus palabras y, luego, financiaban la publicación de esos testimonios para que el público conociera los terrores de la trata. Oudah Equiano, Harriet Jacobs, Mary Prince, Frederick Douglass, esclavos con nombres y apellidos, contaron el infierno de sus vidas bajo el yugo de la esclavitud. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 23, grifos meus).

Ajustando um pouco mais o foco, no fragmento em destaque, fica evidenciada a coragem das mulheres africanas e negras tornadas escravizadas nas Américas e Caribe. Por meio dessas histórias, recolhidas nos documentos – as narrativas adquirem novos olhares. Em sentido mais amplo, além das fugas, levantes e cimarronajes, *las ancestras* praticavam variadas formas de insurgência ao sistema colonial, inclusive elas aprendiam a ler e a escrever.

Em concordância com isto, Yolanda Arroyo Pizarro (2013, p.29) no ensaio *Hablar de las ancestras* reafirma que mulheres como Xica da Silva, Diamantina, Mariana Di Moraes, Pascuala, Petrona, Wiwa, Agustina, Polonia, Hipólita, Matea, Nanny, Aqualtune, Luiza Mahin, Tereza de Benguela, entre outras: “[...] fueron mujeres hábiles, astutas, muy dispuestas para la batalla, muy orientadas a devolver el golpe en la lucha”. (ARROYO PIZARRO, 2013, 29).

Apesar de denunciar as brutalizações praticadas no regime colonial, os sofrimentos físicos de abusos e violências constantes com a perda da liberdade e estupro, *Fe en Disfraz* retira *alas ancestras* do lugar de vítimas

do regime colonial, tendo em vista que a obra se insurge aos modelos tradicionais de narrativa literária, salientando que as nossas antepassadas eram afastadas de suas redes familiares.

Com certa frequência, o romance se tece de acontecimentos históricos, das falas de *las ancestras* a descrição de cenas de época. Em relação a este assunto, *las ancestras* são sujeitos ativos na luta por direitos e enfrentam um sistema racista e patriarcal. Em decorrência disso, no contexto da criação literária, crítica e revisão historiográfica, na nota da autora, Santos-Febres apresenta algumas pistas:

*Fe en disfraces* muchas cosas, pero, también, es una novela acerca de la memoria, **de la herida que es recordar**. Está montada sobre documentos falsos, falsificados, reescritos con retazos de declaraciones de esclavos que recogí de múltiples fuentes primarias y secundarias; que recombíné, traduje o que, francamente, **inventé**. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 117, grifos meus).

Em acepção mais estrita, seja na voz das personagens escravizadas, seja na voz de Martín Tirado e Fe Verdejo, o romance afro-diaspórico se assenta nas experiências vividas por mulheres africanas e negras na luta por sua sobrevivência. Assim, notamos que a trama ficcional também expõe todas as barbáries praticadas por homens brancos, as quais impediam e restringiam o direito às liberdades:

Logró dar con otros manuscritos de esclavas, libros de cuentas, actas de bautizo de los hijos que las negras les parieron a sus amos; todos blancos, todos ricos y poderosos. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 23).

[...] declaraciones de tormentos y castigos. Mariana Di Moraes, Diamantina, la mulata Pascuala, los testimonios se sucedían uno tras otro. Relataban estupro y forzamientos con lujo de detalles. Su contenido sexual era particularmente violento. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 21).

Nessa conexão entre os personagens Martín Tirado e Fe Verdejo, acompanhando os seus diferentes trajetos, percorreremos a exploração e a violência sexual sofrida por meninas e mulheres africanas e negras escravizadas no Brasil, Costa Rica, Venezuela e Colômbia, entre outros. Cito um trecho: [...] *trepándosele él encima y ella aullando como una loba.*” (SANTOS-FEBRES, 2009, p.28, grifo nosso). Por esse motivo,

simultaneamente, somos transportados por vários tempos e séculos: XVII y XVIII (colónias españolas y portuguesas); e o presente (em Chicago, Madrid y San Juan de Puerto Rico) para constatar os relatos e o processo de silenciamento de acontecimentos históricos. Em seu prefácio, a obra literária apresenta um narrador, cuja voz se manifesta como o historiador porto-riquenho Martín Tírado:

[...] Estoy en tierras del Norte. Un rito ocurre allá fuera. Muchos no lo saben, pero celebran el comienzo de un nuevo año, según los antiguos calendarios. Mañana será 1 de noviembre. Hoy, la gente corre disfrazada por las calles, ocultándose entre las sombras de la noche más larga del año. (SANTOS-FEBRES, 2009, p.13)<sup>14</sup>.

Diante do exposto, ainda no prefácio, a voz narrativa de Martín Tírado nos conta que o relato apresentado é um testemunho do que se passou e foi vivenciado entre ele e Fe Verdejo: “[...] Mi historia quedará como testimonio, por si acaso no regreso de esta Víspera de Todos los Santos. O por si no regresa Fe Verdejo” (SANTOS-FEBRES, 2009, p.14).

Ao longo da narrativa, por meio das pesquisas realizadas por Fe Verdejo, as histórias e os legados de luta e resistência de mulheres africanas e negras relegadas ao esquecimento se tornam audíveis e visíveis, o que resulta em uma exposição dos documentos históricos e de artefatos dos séculos XVIII e XIX. “[...] La famosa exposición “Esclavas manumisas de Latinoamérica” abrió sus puertas la primera semana de noviembre. Pero, en la Víspera de Todos los Santos. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 26).

Nesse processo, *Fe en Disfraz* articula um resgate das histórias de *las ancestras* Xica da Silva, Diamantina, María e Petrona, bem como de outras vozes femininas silenciadas para que se compreendam seus reflexos no presente. Por essa razão, Santos-Febres assenta “los conocimientos y saberes, la memoria ancestral, con la cosmología” negro-africana nas Américas e Caribe. (WALSH, 2008, p. 140). Desse modo, a escritora porto-riquenha provoca uma reação imediata que incide numa ótica de superação da colonialidade epistemológica em oposição a uma epistemologia eurocêntrica.

---

<sup>14</sup>No Brasil, o dia 1º de novembro é dedicado a todos os Santos. Esta é uma data dedicada à celebração e homenagem de todos os santos e mártires das igrejas cristãs. É também um dia simbólico para os povos de terreiro.

Entonces, y como por arte de magia, en un seminario de la Universidad de Chicago aparecen documentos que el mundo historiográfico suponía inexistentes. Fe recordó los nombres de varias fundaciones que apoyarían su proyecto. Gracias a aquellos documentos, podría presentar una propuesta de investigación que tendierapuentes entre instancias interesadas en estudios de raza e identidad, en estudios de género, y en la defensa de los derechosciviles. Pidió una beca investigativa; se laotorgaron. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 23).

Conforme chama atenção, através de suas investigações sobre a história do cotidiano de *las ancestras*, que resulta em uma extraordinária exposição de registros históricos e artefatos, Fe demonstra que as mulheres africanas e negras eram múltiplas e heterogêneas. Contrariando as historiografias oficiais nas Américas, os registros históricos demonstram que elas desejavam conquistar autonomia e liberdade ao procurar a justiça da época em diversas situações:

Algunos de aquellos papelesnarrabancómo esclavas manumisadas de diversas regionesdelImperio lusitano y del español lograronconvertirse en dueñas de hacienda. Otrostan solo recogíantestimonios de “abusos”, en los cuales las esclavas pedían amparo real. Encontró, además, documentos de condena por el Santo Oficio, declaraciones de tormentos y castigos. Mariana Di Moraes, Diamantina, la mulata Pascuala, los testimonios se sucedían uno tras otro. Relataban estupro y forzamientos con lujo de detalles. Su contenido sexual era particularmente violento. (SANTOSFEBRES, 2009, p.22).

Entre as muitas razões, segundo observa a personagem-protagonista, nos documentos e objetos que recupera para reescrever a História, somos apresentadosa outros relatos e vozes de mujeres insurrectas:

[...] En esa ocasión, declaróla esclava: “que la señora no para de injuriarme, de pegarme con un palo sobre el vientre y empujarme para ocasionarme caídas”. Mostrócatrices de golpes y carnes moradas alveedor, una vez presentada la denuncia. Diamantina pedíalavenia para buscar otra casa donde servir y otro amo que la comprara con sus hijos. (SANTOS-FEBRES, 2009, p.28).

Diante desse cenário, no capítulo I, o enredo se tece a partir da preparação de Martín Tíradopara o seu encontro com Fe Verdejo. Notamos que essa vinculação entre os protagonistas é marcada por um ritual seguido passo a passo:

[...] las indicaciones de Fe son claras y hay que seguirlasal pie de la letra. Sonsus condiciones para nuestroencuentro. Esta

vez, me han llegado escuetas, precisas. Debo esperar a que caiga la noche.” (SANTOS-FEBRES, 2009, p.15).

Já o capítulo II, começa com a voz de Martín Tírado narrando o que lhe foi dito por Fe Verdejo: “[...] Me cuenta Fe que durante los años anteriores a la famosa exposición sobre esclavas manumisas que le ganó prestigio y fama, el seminario estuvo a punto de cerrarse”. (SANTOS-FEBRES, 2009, p.21). Quanto ao capítulo III, a narrativa revela o primeiro documento recebido por Martín Tírado. Nesse sentido, somos apresentados aos documentos históricos referentes às mulheres africanas e negras escravizadas, ao mesmo tempo em que Martín Tírado os recebe de Fe Verdejo. Em relação ao capítulo VII, Martín nos conta a dinâmica para reunir os artefatos e registros:

[...] Cada noche, Fe me enviaba nuevos archivos por correo electrónico. Cada noche, me disponía a trabajar, pero, igualmente, cada noche, se levantaba la fiebre”. [...] Ellos guardaban imágenes de haciendas, vestidos, personajes de la época. Me ponía a leer recuentos de esclavas, sus desventuras a manos de amos disolutos. (SANTOS-FEBRES, 2009, p.45).

Como resultado de vários deslocamentos Fe Verdejo, a personagem evidencia as dinâmicas de dominação e subjugação colonial. Mas, por outro lado, a protagonista também é um fio condutor da tradição, da história, da memória ancestral, assim como do assentamento de uma visão de mundo negro-africana nas Américas e Caribe. Ao tornar audíveis e visíveis as vozes e os corpos de *las ancestras*, a protagonista se torna herdeira de saberes ancestrais, assim como de uma linhagem de mulheres africanas e negras que lutaram, resistiram e sobreviveram ao genocídio colonial.

### **Diamantina, María, Petrona e Ana María: negras a Flor da Pele**

guardaban imágenes de haciendas, vestidos, personajes de la época. Me ponía a leer recuentos de esclavas, sus desventuras a manos de amos disolutos. Respondía mi obelisco henchido ante el relato de sus carnes, recibiendo azotes, abultándose bajo los cueros del castigo [...] la Historia está llena de mujeres anónimas que lograron sobrevivir al deseo del amo desplegándose ante su mirada. [...]. (SANTOS-FEBRES, 2009, pp.45-46).

De acordo com Marie Ramos Rosado (2012, p.185), escritoras e intelectuais negras como Mayra Santos-Febres e Yolanda Arroyo Pizarro tratam “la temática raza-género-diversidad en su literatura, de alguna manera, tienen la negrura a flor de piel”. Ao trazer a negrura a flor da pele, as personagens femininas são mulheres marginalizadas e invisibilizadas “por la historia oficial en la sociedad puertorriqueña”. Em seus escritos, elas deixam de encarnar “papelessumisos y domesticados, nunca protagónicos y liberadores” que circulam no imaginário caribenho.

Segundo PatriciaValladares-Ruiz (2016, p. 597), a obra narrativa de Mayra Santos-Febres se “ha caracterizado por el tratamiento transgresor de personajes que desafían la marginalidad a la que están condenados”. Em diálogo com Ramos Rosado, afirma que as narrativas “denuncian y subvierten las estructuras hegemónicas de dominación”. Desse modo, acredita que as obras dessa autorapromovem uma releitura do imaginário produzido “de las identidades caribeñas”.

En la lectura de esta novela examino el reciclaje de un pasado doloroso que denuncia tanto el proceso de erotización de las relaciones de dominación (hombres blancos) y sumisión (mujeres afrodescendientes) como la reproducción de estas dinámicas en las sociedades poscoloniales. En este contexto, planteo la exploración detenida de las posibles subversiones de las dinámicas tradicionales de poder en las relaciones interraciales. (VALLADARES-RUIZ, 2016, p. 598).

Em consonância com esta abordagem, Yolanda Arroyo Pizarro (2013, p. 47), ao *hablar de las ancestras*, Mayra Santos-Febres constrói uma narrativa afro-diaspórica que retira as mulheres africanas e negras do lugar de vítimas do sistema colonial. A partir de outra perspectiva, as nossas ancestrais aparecem como “mujeres insurrectas y cimarronas” sem os estereótipos e bestializações bastantes recorrentes em histórias de “todas las esclavitudes”. (ARROYO PIZARRO, 2013, p. 27). Nesse caso, a escritora e intelectual negra caribenha aponta um vazio:

[...] Puerto Rico tenemos muy poco o casi nada literatura que describa a nuestras antepasadas. No tenemos el género o la categoría *slavenarratives* como llaman en otros lugares a las historias contadas sobre esclavos o esclavas por el propio esclavo o esclava. (ARROYO PIZARRO, 2013, p. 27, grifo da autora).

No retorno ao Capítulo III, entramos em contato com os relatos de *laancestra* Diamantina. Em nome de seus cinco filhos: Justo, Isidro, Joaquín, Fernando e Ricardo, todos escravizados por don Tomás de Angueira y de doña Antonia de la Granda y Balbín, em 1785, em uma Declaratoria ante el gobernador Alonso de Pires, Aldea de Tejuco, Archivo Histórico de Minas Gerais, ela denuncia a violência colonial praticada por seus algozes. Nos documentos achado por Fe Verdejo, “constaban estos excesos de injurias públicas en la plaza, a la salida de las misas; azotes, empujones”. (SANTOS-FEBRES, 2009, p.27).

Diferentemente das narrativas mais tradicionais da hipersexualização e a desvinculação das mulheres negras à maternidade que as desumanizam, conhecemos a trajetória de uma mulher escravizada que, apesar das condições, confronta as opressões, violências e hierarquias:

[...] Diamantina declaró haber venido anteriormente a pedir protección real ante el gobernador Alonso Pires, por los excesos cometidos por su ama. Era de edad desconocida, con três incisiones en la mejilla derecha, posiblemente fúlá, proveniente de tierra costanera. [...] “que la señora no para de injuriarme, de pegarme con un palo sobre el vientre y empujarme para ocasionarme caídas”. Mostró cicatrices de golpes y carnes moradas alveedor, una vez presentada la denuncia. Diamantina pedía a venia para buscar otra casa donde servir y otro amo que la comprara con sus hijo (SANTOS-FEBRES, 2009, p.27).

Em outro momento, *laancestra* Diamantina reivindica o direito à herança para o seu filho mais velho:

Diamantina presenta el testamento ante el gobernador Pires. Pide que se cumpla con las escrituras y que Justo, su hijo mayor, sea oficialmente inscrito como dueño del Trapiche La Paz, según lo dispuesto por su antiguo dueño. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 30).

No Capítulo V, em outro registro Histórico del Valle de Matina, Costa Rica, Papeles del gobernador Diego de la Haya, conhecemos o Caso: María y Petrona, na condição de escravizadas, ambas de etnia/casta lucumí (descendente dos iorubas da atual Nigéria e da República do Benin). Em 1719, após terem sido sequestradas e experimentaram as agruras da viagem, María y Petrona se quedaron en la playa

Cuentan las esclavas que estuvieron cuatro días en la costa, bajo la sumisión de Ibarra. De allí, fueron llevadas a una casa en el monte y, después, a Bagaces, donde Ibarra las vendió a doña Cecilia Vázquez de Coronado, esposa del sargento mayor Salvador Suárez de Lugo, quienes eran los dueños de la hacienda nombrada Tenorio. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 40).

Levando em conta isto, nos relatos de Petrona, a narrativa denuncia os inúmeros abusos sexuais, deixa os vestígios do comércio de mulheres escravizadas grávidas. La ancestra Petrona foi vendida com seu filho no ventre e foi separada “de la criatura que ya contaba con nueve años de edad”. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 40). Por esse motivo, notamos que as mulheres africanas e negras eram submetidas a situações de violências nas trajetórias reprodutivas e de maternidade.

presentó ante el Gobernador porque ha trabajado todos estos años” para liberarlo y cuando fue a presentar la suma acordada, doña Cecilia Vázquez de Coronado la había fijado más alta para impedir la liberación de su hijo. Que se acoge a la piedad del Gobernador y a su amparo real. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 40)

Sob as condições mais adversas, no capítulo VIII, a trama se concentra nos “Papeles de la Villa de Mompox, Cartagena de Indias, Archivo Histórico de la Nueva Granada y del gobernador Francisco del Valle, para mostrar a narrativa de Ana María. Em 1743, Ana María, descrita como “mulata de doce años, se presentó ante el gobernador del Valle, bañada en sangre, que provenía de varias heridas”. De seus relatos advindos das práticas violentas dos senhores/senhoras, transbordamos mais diversas formas de resistência e insurgência negra feminina:

[...] García me dio un pescozón por el rezongo que traía. Por este motivo, le contesté que le pegase a sus criados y a sus esclavos, pero que yo no era su esclava. García me volvió a golpear, pero esta vez, tomó un zapato de mujer y, con el tacón, me dio muchos golpes en la cabeza y me hirió en varias partes, mientras mi ama, doña Manuela, miraba y se reía”, aseguró la niña. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 50).

Como vemos, de forma geral, nos processos de colonização e escravização, somos apresentados a vários relatos de *las esclavas manumisas*: meninas, mujeres africanas e negras insurrectas. Por medio das histórias, Santos-Febres revisita a rota de escravização colonial nas Américas e Caribe,

denunciando o sequestro, o tráfico e o cativo de milhões de africanos/africanas homens e mulheres.

Em *Fe en Disfraz*, a escritora também traz à tona o desejo de liberdade *delas ancestras esclavizadas*. Ademais, a autora reconstrói um cenário para alterar profundamente os fatos narrados, possibilitar diversos caminhos de argumentação e produzirtencionamentos na epistemologia colonial. Ou seja, a obra contribui para a criação de uma perspectiva crítica capaz de combater o “racismo epistêmico”, bem comouma determinada forma de colonialidade do poder/conhecimento. (GROSFOGUEL, 2008).

Ao apontar que Mayra Santos-Febres e a obra *Fe en Disfraz* participam de um novo movimento literário em Porto Rico, a intelectual negra caribenha Zaira Casellas Rivera (2011) desenvolve um argumento intitulado “la poética de la esclavitud (silenciada) en la literatura puertorriqueña”. Nesse caso, essa poética de escravidão silenciada “se ha entrecruzado el análisis histórico y literario para deconstruir los significados de la esclavitud y la emancipación, a partir de un discurso sistemáticamente organizado para la representación del esclavo y la esclava”. (RIVERA-CASELLAS, 2011, p. 100).

Para começar a pensar, os relatos de *las ancestras* desmantelam, desagregam e se insurgem, ao produzir um conhecimento alternativo e radical, o qual reestabelece o protagonismo de suas existências e restitui a sua humanidade violada pela dominação colonial. (GROSFOGUEL, 2008, p.116). Pouco a pouco, o romance afro-diaspórico expõem “las heridas abiertas despiertan el dolor del pasado, pero como un gesto necesario para imponerse a la renovación de la memoria racial. (RIVERA-CASELLAS, 2011, p. 113).

Prontamente, na romance/novela *Fe en Disfraz*, Santos-Febres retira do cânone literário e historiográfico o privilégio epistêmico de narrar e contar as histórias de suas/nossas antepassadas. Com isso, os corpos negros femininos constituem-se referências de luta e resistência que ancoram os tempos: presente, passado e, especialmente, o futuro.

***Desde las ancestras: assentamentos de resistência***

Cada vistoria, por insignificante que parezca, debe ser aplaudida. Aplaudamos hoy a estas mujeres y suspequñas/grandes victorias. Es lo que deseohacer y que los lectores hagan con mis Ancestras negras. (ARROYO PIZARRO, 2013, p. 43).

Em caminho alternativo, por exemplo, Mayra Santos-Febres e Yolanda Arroyo Pizarro fazem de suas obras críticas, teóricas, sobretudo literárias, ferramentas epistêmicas de pressão contra as desigualdades, de transformação social e política em Porto Rico. Uma práxis negra de resistência que insurge ao epistemicídio (SANTOS, 1995, CARNEIRO, 2005) e o racismo epistêmico (GROSFOGUEL, 2007/2016) para dismantelar a colonialidade do poder, do ser e do saber. (QUIJANO, 2000; MIGNOLO, 2003; MALDONADO-TORRES, 2016).

Nessa ótica, em *Fe en Disfraz*, Santos-Febres expande os horizontes epistêmicos e de conhecimento para incorporar as contribuições e as referências negro-africanas a outros contextos culturais na América Latina, Europa e Estados Unidos. Enquanto projeto epistemológico, Patrícia Valladares Ruiz descreve que:

[...] En *Fe en disfraz*, el tratamiento de la esclavitud y la representación de mujeres esclavizadas se articula a partir de un esfuerzo posmoderno por cuestionar, reordenar y parodiar la historia oficial. Esta empresa se estructura en torno a series de acciones que podrían agruparse de la siguiente forma: los eventos del pasado (las agresiones que sufren las esclavas manumisas), los documentos históricos (las denuncias de estas agresiones), la recepción del documento (el descubrimiento y la reacción que produce la lectura de estas denuncias), la exhibición (el archivo y exposición de los documentos y trajes de las esclavas) y la puesta en escena de los episodios de dominación sexual (interpretadas por *Fe* y *Martín*). (VALLADARES-RUIZ, 2016, p. 599).

De maneira ampliada, na América Afro-latina e Caribe, ambas as propostas epistêmicas se conectam com as seguintes autoras negras e textos: *Úrsula* de Maria Firmina de Jesus (1869); Ponciá Vicêncio (2003) e *Becos da Memória* (2006) de Conceição Evaristo; *Rosalía, la infame* (2003) de Evelyne Trouillot; *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves (2006); *Cartas para a minha mãe* de Teresa Cárdenas (2010); *Bará: na trilha do vento* de Miriam Alves (2015); *O crime do cais do Valongo* de Eliana Alves Cruz (2018);

entre outrs. Em uma perspectiva transnacional, colocadas em um campo específico de produção epistêmica, de conhecimento e literário, essas obras narram os relatos de experiências e vivências afro-diaspóricas<sup>15</sup>.

Nesta perspectiva, escritoras e intelectuais negras diaspóricas desempenham papéis de suma importância no contexto afro-latino-americano e caribenho. Com vozes aguerridas, além de Mayra Santos-Febres e Yolanda Arroyo Pizarro, no mesmo campo epistemológico, citamos os trabalhos de outras pensadoras negras porto-riquenhas: Marie Ramos Rosado, Maritza Quiñones, Yvonne Denis Rosario, Zaira Rivera Casellas, entre outras. Elas buscam se inscrever na esfera pública, seja atuando em academias e institutos, seja na universidade e coletivos.

Segundo bell hooks (2019, p.35), *Fe en Disfraz* trata-se de “um gesto político que desafia as políticas de dominação” que conservaram muitas histórias anônimas e legados desconhecidos de luta e resistência negra feminina. Sendo assim, nesse romance/novela, temos uma práxis intelectual que assenta um ato de coragem que ressurge da força e do poder de *las ancestras*. Deste ponto de vista, escrever sobre *las ancestras* é uma forma de capturar e agarrar as falas de nossas mais velhas para mantê-las sempre por perto e torná-las visíveis e audíveis.

No romance afro-diaspórico *Fe en Disfraz*, ao fazer sangrar novamente as feridas deixadas pelo regime colonial, ao mesmo tempo, os assentamentos de resistência restituem a humanidade violada pela dominação colonial e o protagonismo da existência de mulheres africanas e de suas descendentes, fazendo emergir narrativas silenciadas pela colonialidade do poder/saber. Não obstante, construindo outra(s) inteligibilidade (s), *las ancestras* reescrevem suas histórias e os legados de luta e resistência na Afro-Latino-América e Caribe.

## Referências bibliográficas

AUGUSTO, Geri. “A língua não deve nos separar! Reflexões para uma Práxis Negra Transnacional de Tradução”. In: CARRASCOSA, Denise. **Traduzindo no Atlântico Negro: Cartas Náuticas Afrodiaspóricas para Travessias Literárias**. Salvador – Bahia: Ogums Toques Negros, 2017, p-31-60.

---

<sup>15</sup>A transnacionalidade se ancora no conceito de Transnacionalismo negro de Geri Augusto (2017).

ARROYO PIZARRO, Yolanda A. Hablar de las ancestras: hacia una nueva literatura insurgente de la afrodescendencia. In: **Tongas, palenques y quilombos: ensayos y columnas de afroresistencia**. LatoyaHobbs, Porto Rico, 2013.

ARROYO PIZARRO, Yolanda A. **las Negras**. Carolina: Boreales, 2012.

BADILLO, Jalil y CANTOS, Ángel López. **Puerto Rico Negro**. San Juan: Editorial Cultural, 1986.

CARNEIRO, A. S. **A Construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser**. São Paulo: FUESP, 2005.

GROSSFOGUEL, R. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos póscoloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global**. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 80, p. 115-147, 2008.

GROSSFOGUEL; Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.

HARDING, Rachel Elizabeth. Você tem direito à árvore da vida: spirituals afro-americanas e religiões da diáspora. Tradução de Christine J. Eida e Mariana Gadelha. In: REIS, Isabel Cristina F. dos; ROCHA, Solange P. **Diáspora africana nas Américas**. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. (Coleção Uniafro, 5)

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. **Intelectuais negras**. Revista de Estudos feministas, Florianópolis, v. 3, n.2, p. 464-478, ago./dez. 1995.

LEÓN, María de los ÁngelesAcuña. **Mujeres esclavas en la costa rica del sigloxviii: estrategias frente a la esclavitud**. Diálogos Revista Electrónica de Historia, Vol. 5, núm.1-2, pp.1-21. 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/439/43926968001.pdf> .Acesso em: 26 de nov. de 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e Decolonialidade. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória**. Editora Perspectiva. 1995.

MIGNOLO, W. D. **Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Trad. Ângela Lopes Norte. In: Cadernos

de Letras UFF – **Dossiê: Literatura, Língua e Identidade**, nº 34, p. 287-324, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 84-130.

RABELO, Miriam C. M. **Estudar a religião a partir do corpo: algumas questões teórico-metodológicas**. Caderno CRH, Salvador, v. 24, n. 61, p. 15-28, Jan./Abr. 2011.

RIVERA-CASELLAS, Zaira. **La poética de la esclavitud (silenciada) en la literatura puertorriqueña**: Carmen Colón Pellot, Beatriz Berrocal, Yolanda Arroyo Pizarro y Mayra Santos Febres. Cincinnati Romance Review30.Special Issue on Afro-Hispanic Subjectivities (2011): 99-116.

ROMÁN SAMOT, Wilkins. **Escribir es mi vida misma**” realizada por Wilkins RománSamot. Disponível em <https://letralia.com/entrevistas/2020/01/26/mayra-santos-febres/> acesso em: 01 de dez. 2020.

RUBIO MBOMÍO, Lucía Asué. **Ser negra es la razón primordial por la cual soy escritora**. Disponível em <https://afrofeminas.com/2015/07/01/ser-negra-es-la-razon-primordial-por-la-cual-soy-escritora-entrevista-a-mayra-santos-febres/> acesso em: 01 de dez.2020.

RAMOS ROSADO, Marie. **“Mujeres negras y mulatas en tres narradoras puertorriqueñas**: Rosario Ferré, Mayra Santos Febres e Yvonne Denis Rosario”, Destellos de la negritud: Investigaciones caribeñas. San Juan :Isla Negra, 2011. 117-134

SALES, Cristian Souza de. **Assentamentos de resistência**: intelectuais negras do Brasil e Caribe em insurgências epistêmicas. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura. Salvador: UFBA, 2020.

SALES, Cristian Souza de. **Mayra Santos-Febres**: Gestos Performativos De Uma Intelectual Afrocaribenha. Anais do VII Seminário Internacional e XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura / org. André TessaroPelinser ... [et al.]. – Caxias do Sul, RS :Educs, 2016, p-805-813.

SALES, Cristian Souza de. **Negras Grafias Contemporâneas**: das escrituras aos Gestos Performativos. Muiraquitã, UFAC, v. 6, n. 2, 2018.

SALES, Cristian Souza de. **Performatividade Intelectual Afro-Caribenha em Por Boca Propia, de Mayra Santos-Febres**. Anais do IV Encontro Internacional de Literaturas, Histórias e Culturas Afro-brasileiras e Africanas. Universidade Estadual do Piauí–UESPI–Teresina–Piauí-Brasil. Disponível em <https://silo.tips/download/performatividade-intelectual-afro-caribenha-em-por-boca-propia--2>. Acesso em 10 de dez. de 2020.

SANTOS, S. Boaventura. **Pela Mão de Alice**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para Além do pensamento abissal**: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra, Portugal: Cortez Editora, 2010. p. 31- 83.

SANTOS-FEBRES, Mayra. Por boca propia. In: **Sobre Piel y papel**: ensayos. 2ª edición. Ediciones Callejón, 2010, p-67-71.

SANTOS-FEBRES, Mayra. Raza en la cultura puertorriqueña. In: **Sobre Piel y papel**: ensayos. 2ª edición. Ediciones Callejón, 2010, p. 132-156.

SANTOS-FEBRES, Mayra. *Cualquier miércoles soy tuya*. Barcelona: Mondadori, 2002.

SANTOS-FEBRES, Mayra. **Fe en disfraz**. Guaynabo: Alfaguara, 2009.

SANTOS-FEBRES, Mayra. **Nuestra Señora de la Noche**. Madrid: Espasa, 2006.

SANTOS-FEBRES, Mayra. **Piel color caribe**. Literofilia. 2019. Disponível em: <<https://www.literofilia.com/front/columna.php?id=670>> Acesso em: 20 de set. 2020.

SANTOS-FEBRES, Mayra. **Sirena Selena vestida de pena**. Barcelona: Mondadori, 2000.

SANTOS-FEBRES, Mayra. **Sobre Piel y papel**: ensayos. 2ª edición. Ediciones Callejón, 2010.

TORRES-GARCÍA, Solymar. **El cuerpo que se repite**: el cuerpo en la narrativa nómade de Mayra Santos-Febres, Ena Lucía Portela y Ángela Hernández Núñez. 154f. Tese (Doutorado em Filosofia) - ARIZONA STATE UNIVERSITY, Arizona, 2017.

VALLADARES-RUIZ, Patrícia. El cuerpo sufriente como lugar de memoria en *Fe en disfraz*, de Mayra Santos-Febres. **Revista Javeriana**. Vol. 20 Núm. 40. 2016. Disponível em Acesso em: 10 de Set. de 2020.

WELDT-BASSON, Heléne. **Memoria cultural versus olvido histórico**: las voces de las esclavas en *Fe en disfraz* de Mayra Santos-Febres y *Cielo de tambores* de Ana Gloria Moya. *Hispanófila*. Vol. 179, pp. 187-201. 2017. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/665168/summary>> Acesso em: 21 de Set. de 2020.

WALSH, Catherine (Ed.). *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. In: **Educação Intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Vera Maria Candau (Org.). Rio de Janeiro: 7letras, 2009, p. 12-39.

WEST, Cornel. O dilema do intelectual negro. In: **The Cornel West**: reader. Basic Civitas Books, 1999. [1985].